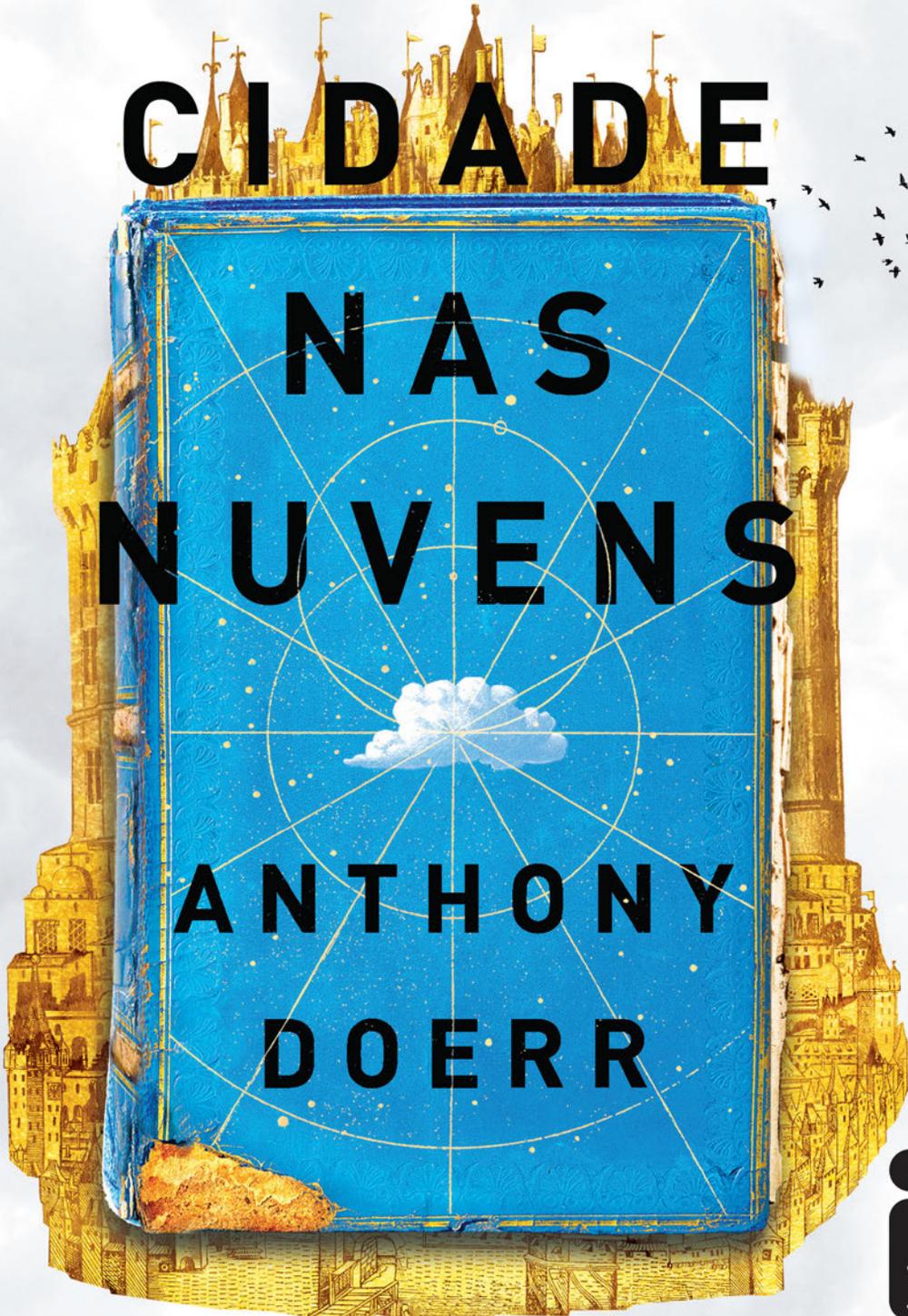


Do autor de
TODA LUZ QUE NÃO PODEMOS VER
VENCEDOR do PRÊMIO PULITZER



**CIDADE
NAS
NUUVENS**

**ANTHONY
DOERR**

intranseca

Anthony Doerr

Cidade nas nuvens

Tradução de
Marcello Lino



Copyright © 2021 by Anthony Doerr
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Cloud Cuckoo Land

PREPARAÇÃO
Isabella Pacheco

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Alvanísio Damasceno

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA
Jonathan Bush

ARTE DE CAPA
Livro: Flaming Pumpkin/iStock/
Getty Images, Chaos/iStock/Getty
Images, Mikroman6/Getty Images
and ThePalmer/Getty Images; castelo:
Museu Condé, Chantilly, França/

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D673c

Doerr, Anthony, 1973-
Cidade nas nuvens / Anthony Doerr ; tradução Marcello Lino. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2022.
752 p. ; 23 cm.

Tradução de: Cloud cuckoo land
ISBN 978-65-5560-507-5

1. Ficção americana. I. Lino, Marcello. II. Título.

21-74958

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Bridgeman Images e Biblioteca Mazarine,
Paris, França © Archives Harmet/
Bridgeman Images; pássaros: Kriengsuk
Prasroetsung/Shutterstock; nuvens de
fundo: Plainpicture/Heidi Mayer.

ARTE DE LOMBADA
Sean Gladwell / Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

PÁGINA 7
Tradução de Adriane da Silva Duarte

PÁGINAS 58, 59, 94, 213, 231
Trechos da *Odisseia* traduzidos por
Frederico Lourenço

PÁGINA 289
Trecho da *Ilíada* traduzido por Frederico
Lourenço

Aos bibliotecários, ontem, hoje e nos anos por vir.

Poupa: Então vejamos, que nome terá a nossa cidade?

Tudo Azul: Vocês querem que a chamemos por este grande nome vindo da Lacedemônia: Esparta?

Bom de Lábia: Héacles! E eu poria espartilho na minha cidade? Nunca! Nem se estivesse gorda.

Tudo Azul: E então? Que nome daremos a ela?

Poupa: Um de lá, das nuvens e das regiões celestes, um muito pomposo.

Bom de Lábia: Que tal Cuconuvolândia?

— ARISTÓFANES, *AS AVES*, 414 A.C.

Prólogo

*Para minha querida sobrinha, com esperança
de que isso lhe traga saúde e luz*

A Argos

Missão ano 65

(Dia 307 dentro da Câmara Um)

Konstance

UMA MENINA DE CATORZE ANOS ESTÁ SENTADA DE PERNAS cruzadas no chão de uma câmara circular. Uma massa de cachos forma um halo em sua cabeça; suas meias estão cheias de furos. Esta é Konstance.

Atrás dela, dentro de um cilindro translúcido que se ergue em uma extensão de cinco metros do chão até o teto, pende uma máquina composta de trilhões de fios dourados, nenhum mais grosso do que um cabelo humano. Cada filamento se entrelaça com milhares de outros em emaranhados de complexidade assombrosa. Ocasionalmente, um feixe em algum ponto ao longo da superfície da máquina pulsa com luz: ora aqui, ora acolá. Esta é Sybil.

Em outro lugar do cômodo, há uma cama inflável, um toalete reciclador, uma impressora de comida, onze sacos de Alimento em Pó e uma esteira rolante multidimensional do tamanho e formato de um pneu de automóvel chamada Perambulador. A luz provém de um anel de díodos no teto; arranhões e amassados marcam as paredes; não há saída visível.

Diante de Konstance, cobrindo a maior parte do chão, estão cerca de cem retalhos retangulares que ela arrancou de sacos va-

zios de Alimento em Pó e nos quais escreveu com tinta caseira. Alguns estão cobertos pela sua caligrafia; outros abrigam apenas uma palavra. Um, por exemplo, contém as vinte e quatro letras do alfabeto grego clássico. Em outro, está escrito:

No milênio que antecedeu 1453, a cidade de Constantinopla fora sitiada vinte e três vezes, mas exército nenhum jamais violou suas muralhas terrestres.

Ela se inclina para a frente e levanta três retalhos do quebra-cabeça à sua frente. A máquina atrás dela pisca.

Está tarde, srta. Konstance, e você não comeu nada o dia todo.

— Não estou com fome.

Que tal um belo risoto? Ou cordeiro assado com purê de batatas? Ainda há muitas combinações que você não experimentou.

— Não, obrigada, Sybil.

Ela olha para baixo, para o primeiro retalho, e lê:

A história grega perdida *Cuconuvolândia*, do escritor Antônio Diógenes, que narra em prosa a jornada de um pastor até uma cidade utópica no céu, provavelmente foi escrita no fim do primeiro século a.C.

O segundo:

Sabemos, por um epítome escrito no século IX, em Bizâncio, que o livro começava com um breve prólogo no qual Diógenes se dirigia a uma sobrinha doente e declarava que não havia inventado a história cômica que se seguia, mas que a havia descoberto em uma tumba na antiga cidade de Tiro.

O terceiro:

Na tumba, Diógenes reportou à sobrinha, estava escrito: Éton: Viveu 80 Anos como Homem, 1 Ano como Burro, 1 Ano como Robalo, 1 Ano como Corvo. Dentro, ele alega ter achado um baú de madeira com a inscrição *Estranho, seja lá quem você for, abra isto para aprender coisas incríveis*. Ao abrir o baú, encontrou vinte e quatro tabuletas de madeira de cipreste onde a história de Éton estava escrita.

Konstance fecha os olhos, vê o escritor descer até a escuridão das tumbas. Ela o vê examinar o estranho baú à luz de uma tocha. Os díodos no teto escurecem um pouco e as paredes se suavizam, passando de branco para âmbar, e Sybil diz:

Logo não haverá mais luz, Konstance.

Ela vai escolhendo o caminho entre os retalhos no chão e pega um saco vazio que estava embaixo da cama. Usando dentes e dedos, rasga um retângulo novo. Põe um montinho de Alimento em Pó na impressora de comida, aperta uns botões e o dispositivo cospe uma pequena quantidade de um líquido escuro em sua tigela. Depois, Konstance pega um tubo comprido de polietileno cuja ponta ela entalhou até formar um bico, mergulha a caneta improvisada na tinta improvisada, inclina-se sobre o retalho em branco e desenha uma nuvem.

Ela mergulha novamente o tubo.

Em cima da nuvem, ela desenha as torres de uma cidade, depois os pontinhos de pássaros girando em volta das torres. O cômodo fica ainda mais escuro. Sybil pisca:

Konstance, devo insistir para que você coma.

— Não estou com fome, obrigada, Sybil.

Ela estende a mão sobre os retalhos, pega um retângulo com uma data inscrita — *20 de fevereiro de 2020* — e o coloca ao lado de outro que diz *Fólio A*. Depois, põe seu desenho de uma cidade de nuvens à esquerda. Por um instante, na luz que vai sumindo, os três retalhos quase parecem se erguer e brilhar.

Konstance senta-se sobre os calcanhares. Ela não sai daquela câmara há quase um ano.

Um

*Estranho, seja lá quem você for, abra
isto para aprender coisas incríveis*

Cuconuvolândia, de Antônio Diógenes, Fólio A

O códice Diógenes mede trinta por vinte e dois centímetros. Perfurado por vermes e apagado de forma significativa pelo mofo, apenas vinte e quatro fólios, nomeados de A a Ω, foram recuperados. Todos estavam danificados em certo grau. A caligrafia é clara e inclinada para a esquerda. Da tradução de 2020 de Zeno Ninis.

[...] quanto tempo aquelas tabuletas mofaram dentro daquele baú, esperando que olhos as lessem? Embora eu tenha certeza de que você duvidará da veracidade dos acontecimentos estapafúrdios que elas relatam, minha cara sobrinha, em minha transcrição, não deixo de fora uma palavra sequer. Talvez nos tempos antigos os homens andassem pela Terra como bichos, e uma cidade de aves flutuasse nos céus entre os reinos dos homens e dos deuses. Ou talvez, como todos os lunáticos, o pastor tenha criado uma verdade própria, e assim, para ele, aquilo era verdadeiro. Mas vamos passar agora à história e decidir por nós mesmos sobre a sua sanidade.

*Biblioteca Pública
de Lakeport*

20 de fevereiro de 2020

16h30

Zeno

ELE ACOMPANHA CINCO ALUNOS DA QUINTA SÉRIE DA ESCOLA até a biblioteca pública em meio à neve que cai formando cortinas. É um octogenário com um casaco de lona; suas botas estão fechadas com velcro; pinguins de uma história em quadrinhos patinam em sua gravata. Durante o dia todo, a alegria foi crescendo sem parar dentro do seu peito, e agora, nesta tarde, às 16h30 de uma quinta-feira em fevereiro, observando as crianças que correm à sua frente ao longo da calçada — Alex Hess usando sua cabeça de burro feita de papel machê, Rachel Wilson carregando uma lanterna de plástico, Natalie Hernandez arrastando um alto-falante portátil —, aquele sentimento ameaça derrubá-lo.

Eles passam pela delegacia, pelo Departamento de Parques e Jardins, pela Imobiliária Eden's Gate. A Biblioteca Pública de Lakeport é uma casa vitoriana de dois andares, com frontão alto e cheia de ornamentos, situada na esquina das ruas Lake e Park que foi doada à cidade após a Primeira Guerra Mundial. Sua chaminé está torta; as calhas estão cedendo; fita adesiva tapa rachaduras em três das quatro janelas frontais. Vários centímetros de neve já se acumularam sobre os desgrenhados arbustos de zimbro que ladeiam o caminho de acesso e em cima da caixa

de devolução de livros na esquina, que foi pintada para parecer uma coruja.

As crianças avançam correndo pelo acesso, saltam para a varanda e cumprimentam Sharif, o bibliotecário infantil, com um toca-aqui, que sai para ajudar Zeno a subir a escada. Sharif tem fones de ouvido verde-limão nos ouvidos e purpurina brilha nos pelos dos seus braços. Sua camiseta diz: *I LIKE BIG BOOKS AND I CANNOT LIE.*

Dentro, Zeno desembaça os óculos. Corações de cartolina estão presos com fita adesiva na frente do balcão da recepção; na parede atrás do balcão, um bordado emoldurado diz: *Perguntas Respondidas Aqui.*

Na mesa dos computadores, em todos os três monitores, espirais de protetores de tela se contorcem em sincronia. Entre a prateleira de audiolivros e duas poltronas surradas, um vazamento do aquecedor se infiltra pelos ladrilhos do teto e pinga em uma lata de lixo de trinta litros.

Plic. Ploc. Plic.

As crianças espalham neve por toda parte ao debandarem para o andar de cima, encaminhando-se para a seção Infantil, e Zeno e Sharif sorriem juntos ao ouvirem os passos chegando ao topo da escadaria e parando.

— Nossa! — diz a voz de Olivia Ott.

— Caraca! — diz a voz de Christopher Dee.

Sharif segura o cotovelo de Zeno enquanto eles sobem. A entrada do segundo andar foi obstruída por uma parede de compensado pintado de dourado e, no meio dela, em cima de uma portinha em arco, Zeno escreveu:

ὦ ξένε, ὅστις εἶ, ἴνοιξον, ἵνα μάθῃς ἃ θαυμάζεις

Os alunos da quinta série se aglomeram perto do compensado e a neve derrete sobre seus casacos e mochilas. Todo mundo olha para Zeno e Zeno espera até voltar a ter fôlego.

— Todo mundo se lembra do que isso significa?

— Claro — diz Rachel.

— Dãã — complementa Christopher.

Na ponta dos pés, Natalie passa o dedo embaixo de cada palavra.

— *Estranho, seja lá quem você for, abra isto para aprender coisas incríveis.*

— Ai, minha nossa — fala Alex, sua cabeça de burro embaixo do braço. — É como se a gente estivesse prestes a *entrar* no livro.

Sharif apaga a luz da escada e as crianças se amontoam em volta da portinha sob o brilho vermelho do indicador de SAÍDA.

— Pronta? — pergunta Zeno e, do outro lado do compensado, Marian, a diretora da biblioteca, responde:

— Pronta.

Um por um, os alunos da quinta série passam pela portinha em forma de arco e entram na seção Infantil. As prateleiras, mesas e pufes que normalmente preenchem o espaço foram empurrados para as paredes e, em seu lugar, estão trinta cadeiras dobráveis. Acima das cadeiras, dezenas de nuvens de papelão, cobertas de purpurina, pendem das vigas, seguras por fios. Na frente das cadeiras, há um pequeno palco e, atrás do palco, em um pedaço de lona que cobre toda a parede posterior, Marian pintou uma cidade nas nuvens.

Torres douradas, compostas por centenas de pequenas janelas e coroadas de flâmulas, se erguem em feixes. Em torno dos pináculos, giram densas revoadas de aves — pequenos trigueiros castanhos e enormes águias prateadas, alguns pássaros com cau-

das longas e outros com bicos compridos, aves do mundo e aves da imaginação. Marian apagou as luzes do teto e, no facho de um único holofote de karaokê sobre um suporte, as nuvens brilham, os bandos de aves cintilam e as torres parecem iluminadas por dentro.

— É... — diz Olivia.

— ... melhor do que eu... — fala Christopher.

— Cuconuvolândia — sussurra Rachel.

Natalie larga o alto-falante, Alex pula para o palco e Marian adverte:

— Cuidado, a tinta ainda pode estar fresca.

Zeno se acomoda em uma cadeira na primeira fila. Toda vez que ele pisca, uma lembrança flutua pela parte interior das suas pálpebras: seu pai cai sentado em um monte de neve; uma bibliotecária abre a gaveta de um catálogo de fichas; um homem em um campo de detenção traça letras gregas na terra.

Sharif mostra às crianças os bastidores que ele criou atrás de três prateleiras de livros abarrotadas de adereços e figurinos, Olivia põe uma touca de látex por cima dos cabelos para parecer calva, Christopher arrasta a carcaça de um micro-ondas pintada para parecer um sarcófago de mármore até o centro do palco, Alex estende a mão para encostar em uma das torres da cidade pintada e Natalie retira um laptop da mochila.

O telefone de Marian vibra.

— As pizzas estão prontas — anuncia ela no ouvido bom de Zeno. — Vou lá buscá-las. Volto em um triz.

— Sr. Ninis? — Rachel está batendo no ombro de Zeno. Seus cabelos ruivos estão puxados para trás em marias-chiquinhas trançadas, um pouco de neve derreteu em seus ombros formando gotas e seus olhos estão arregalados e brilhando. — O senhor construiu tudo isto? Pra gente?

Seymour

AUM QUARTEIRÃO DE DISTÂNCIA, DENTRO DE UM PONTIAC Grand-Am coberto por oito centímetros de neve, um rapaz de olhos acinzentados e dezoito anos de idade chamado Seymour Stuhlman está cochilando com uma mochila no colo. É uma JanSport verde-escura e contém duas painelas de pressão Presto, cada uma abarrotada de pregos telheiros, rolamentos, um detonador e meio quilo de um alto-explosivo chamado Composição B. Dois fios partem do corpo de cada painela até as tampas, onde se conectam à placa de circuito de um telefone celular.

Em um sonho, Seymour caminha entre árvores em direção a um aglomerado de tendas brancas, mas toda vez que ele dá um passo adiante, a trilha se torna mais sinuosa e as tendas ficam mais distantes, uma terrível confusão o oprime. Ele acorda sobressaltado.

O relógio do painel marca 16h42. Quanto tempo ele dormiu? Quinze minutos. Vinte, no máximo. Burro. Desleixado. Ele está no carro há mais de quatro horas, os dedos dos pés estão dormentes e ele precisa fazer xixi.

Com uma manga do casaco, ele limpa o vapor do lado interno do para-brisa. Arrisca usar os limpadores uma vez e eles

varrem um bloco de neve para fora do vidro. Nenhum carro estacionado à frente. Ninguém na calçada. O único carro no estacionamento de cascalho à esquerda é o Subaru verde de Marian, a bibliotecária, coberto de neve.

16h43.

Quinze centímetros antes de escurecer, anuncia a rádio, *de trinta a trinta e cinco durante a noite*.

Inspire por quatro segundos, segure por quatro, expire por quatro. Lembre-se das coisas que você sabe. Corujas têm três pálpebras. Seus globos oculares não são esferas, mas tubos alongados. O coletivo de corujas é bando.

Ele só precisa entrar lá caminhando, esconder a mochila no canto sudeste da biblioteca, o mais perto possível do escritório da Imobiliária Eden's Gate e sair como entrou. Dirigir rumo ao norte, esperar até a biblioteca fechar, às 18 horas, discar os números. Esperar cinco toques.

Bum.

Fácil.

Às 16h51, uma figura em uma parca vermelha sai da biblioteca, suspende o capuz e empurra uma pá de neve para a frente e para trás no caminho de acesso. Marian.

Seymour escorrega mais para baixo no banco. Em uma lembrança, ele tem sete ou oito anos, está na seção de Não Ficção para Adultos, em algum lugar lá pelo número de chamada 598, e Marian pega um manual sobre corujas de uma prateleira alta. Suas bochechas são uma tempestade de sardas; ela cheira a chiclete de canela; está sentada ao lado dele em uma banqueta com rodinhas. Nas páginas que ela está mostrando para ele, há ilustrações de corujas em pé fora das tocas, sentadas sobre galhos, sobrevoando campos.

Ele logo afasta a lembrança. O que Bishop sempre diz? *Um guerreiro, realmente engajado, não sente culpa, medo ou remorso. Um guerreiro, realmente engajado, se torna algo mais do que humano.*

Marian passa a pé na rampa para cadeiras de rodas, espalha um pouco de sal, depois sai caminhando pela rua Park e é engolida pela neve.

16h54.

Durante a tarde toda, Seymour esperou a biblioteca ficar vazia, e agora ela está. Ele abre o zíper da mochila, liga os celulares presos com fita adesiva às tampas das painéis de pressão, retira um par de abafadores de ruídos para estandes de tiro e volta a fechar o zíper da mochila. No bolso direito da jaqueta corta-vento está uma pistola Beretta 92 semiautomática que ele encontrou no depósito de ferramentas do tio-avô. No esquerdo, um celular com três números de telefone escritos na parte de trás.

Entrar caminhando, esconder a mochila, sair como entrou. Dirigir rumo ao norte, esperar até a biblioteca fechar, ligar para os dois primeiros números. Esperar cinco toques. Bum.

16h55.

Um veículo limpa-neve desobstrui o cruzamento, as luzes piscando. Uma picape cinza passa, King Construction escrito na porta. O indicador de ABERTA ainda está iluminado na janela do primeiro andar da biblioteca. Marian provavelmente foi resolver alguma pendência; não vai demorar.

Vamos. Saia do carro.

16h56.

Cada cristal que atinge o para-brisa causa uma pancadinha que mal dá para ouvir, mas o som parece penetrar até as raízes dos molares de Seymour. Tique tique tique tique tique tique tique

tique tique tique. Corujas têm três pálpebras. Seus globos oculares não são esferas, mas tubos alongados. O coletivo de corujas é bando.

Ele põe os abafadores de ruídos sobre as orelhas. Suspende o capuz. Põe uma das mãos na maçaneta da porta.

16h57.

Um guerreiro, realmente engajado, se torna algo mais do que humano.

Ele sai do carro.

Zeno

CHRISTOPHER ESPALHA TUMBAS DE ISOPOR PELO PALCO E inclina a caixa de micro-ondas transformada em sarcófago para que a plateia consiga ler o epitáfio: Éton: Viveu 80 Anos como Homem, 1 Ano como Burro, 1 Ano como Robalo, 1 Ano como Corvo. Rachel pega a lanterna de plástico, Olivia sai de trás das prateleiras de livros com uma coroa de louros atochada sobre a touca de látex e Alex ri.

Zeno bate as mãos uma vez.

— Um ensaio geral é uma simulação fazendo de conta que é verdade, lembram? Amanhã à noite, sua avó na plateia pode espirrar ou o bebê de alguém pode chorar, ou um de vocês pode esquecer uma fala, mas, aconteça o que acontecer, nós continuaremos a contar a história, certo?

— Certo, sr. Ninis.

— Aos seus lugares, por favor. Natalie, música.

Natalie cutuca o laptop e o alto-falante toca uma assustadora fuga de órgão. Atrás do órgão, portões rangem, corvos crocitam, corujas piam. Christopher desenrola alguns poucos metros de cetim branco na frente do palco e se ajoelha em uma ponta, e Natalie se ajoelha na outra, os dois agitam o cetim para cima e para baixo.

Rachel entra com passo firme e caminha até o centro do palco com botas de borracha.

— É uma noite enevoadá na antiga ilha de Tiro. — Ela abaixa o olhar para o roteiro, depois levanta-o novamente. — E o escritor Antônio Diógenes está saindo dos arquivos. Vejam, lá vem ele, cansado e inquieto, preocupado com sua sobrinha moribunda, mas esperem até eu mostrar para ele a coisa estranha que descobri entre as tumbas.

O cetim se encrespa, o órgão toca, a lanterna de Rachel brilha e Olivia marcha até a luz.

Seymour

CRISTAIS DE NEVE GRUDAM EM SEUS CÍLIOS E ELE PISCA PARA tentar removê-los. A mochila sobre seu ombro é uma rocha, um continente. Os grandes olhos amarelos de coruja pintados na caixa de entrega de livros parecem segui-lo à medida que ele passa.

Capuz na cabeça, abafadores de ruídos a postos, Seymour sobe os cinco degraus de granito até a varanda da biblioteca. Preso com fita adesiva atrás do vidro da porta de entrada, em uma caligrafia infantil, um cartaz diz:

AMANHÃ

APENAS UMA NOITE

CUCONUVOLÂNDIA

Não há ninguém atrás do balcão da recepção, ninguém diante do tabuleiro de xadrez. Ninguém à mesa dos computadores, ninguém folheando revistas. A tempestade deve estar mantendo todo mundo em casa.

O bordado emoldurado atrás do balcão diz: *Perguntas Respostadas Aqui*. O relógio marca 17h01. Nos monitores dos com-

putadores, três espirais de protetores de tela vão avançando cada vez mais.

Seymour se dirige ao canto sudeste e se ajoelha no corredor entre Línguas e Linguística. De uma prateleira baixa, remove *Inglês ao alcance de todos*, *501 verbos ingleses* e *Holandês para iniciantes*, insere a mochila no espaço empoeirado na parte de trás e recoloca os livros no lugar.

Quando ele se levanta, listras roxas caindo em cascata embaralham sua visão. Seu coração pulsa em seus ouvidos, seus joelhos tremem, sua bexiga dói, ele não consegue sentir os pés e deixou um rastro de neve por todo o caminho percorrido. Mas fez o que tinha de ser feito.

Agora saia andando.

Ao percorrer o caminho de volta através da seção de Não Ficção, tudo parece se inclinar para cima dele. Seus tênis parecem de chumbo, seus músculos relutam. Os títulos vão passando, *Línguas perdidas*, *Impérios do mundo* e *Sete passos para criar uma criança bilíngue*; ele deixa para trás Ciências Sociais, Religião, os dicionários; chega ao balcão da recepção; está esticando a mão em direção à porta quando sente alguém batendo no seu ombro.

Não. Não pare. Não se vire.

Mas ele não obedece. Um homem magro com fones intra-auriculares verdes está em pé na sua frente. Suas sobranceiras são tufo negros grandes, seus olhos estão curiosos, a parte visível da sua camiseta diz *I LIKE BIG* e seus braços carregam a mochila JanSport de Seymour.

O homem pergunta algo, mas, por causa dos abafadores de ruídos, parece estar a um quilômetro de distância. O coração de Seymour é uma folha de papel que se amassa, desamassa, volta a se amassar. A mochila não pode estar aqui. A mochila

precisa ficar escondida no canto sudeste, o mais próximo possível da Imobiliária Eden's Gate.

O homem das sobrancelhas grandes olha para baixo, para dentro da mochila, cujo compartimento principal se abriu parcialmente. Ao levantar novamente o olhar, franze a testa.

Um estrondo se ergue nos ouvidos de Seymour e mil pontos pretos se abrem em seu campo de visão. Ele enfia a mão direita no bolso direito da jaqueta e seu dedo encontra o gatilho da pistola.

Zeno

RACHEL FINGE FAZER FORÇA AO LEVANTAR A TAMPA DO sarcófago. Olivia enfia a mão na tumba de papelão e retira de dentro uma caixa menor fechada com um fio. Rachel pergunta:

— Um baú?

— Tem uma inscrição na parte de cima.

— O que diz?

— Diz: *Estranho, seja lá quem você for, abra isto para aprender coisas incríveis.*

— Pense, Mestre Diógenes — fala Rachel —, nos anos que esse baú sobreviveu dentro dessa tumba. A quantas eras resistiu! Terremotos, inundações, incêndios, gerações vivendo e morrendo! E agora o senhor o tem em suas mãos!

Christopher e Natalie, os braços ficando cansados, continuam a agitar a névoa de cetim, e a música do órgão toca, a neve bate nas janelas, o aquecedor no porão geme como uma baleia encalhada e Rachel olha para Olivia e Olivia desamarra o fio. Lá de dentro, ela ergue uma velha enciclopédia que Sharif achou no porão e pintou com spray dourado.

— É um livro.

Ela sopra a falsa poeira da capa e, na primeira fila, Zeno sorri.

— E esse livro explica — continua Rachel — como alguém pôde ser um homem por oitenta anos e depois um burro por um ano, um robalo por outro e, por fim, um corvo por mais um?

— Vamos descobrir.

Olivia abre a enciclopédia e a coloca em um atril encostado no pano de fundo, Natalie e Christopher soltam o cetim e Rachel retira as tumbas, Olivia retira o sarcófago e Alex Hess, um metro e trinta e cinco de altura, com uma juba de cabelos louros, carregando um cajado e trajando um roupão bege por cima do calção de ginástica, assume o centro do palco.

Zeno se inclina para a frente em sua cadeira. A dor no quadril, o zumbido no ouvido esquerdo, os oitenta e seis anos que ele viveu na Terra, a infinidade de decisões que o fizeram chegar até aquele momento — tudo aquilo desaparece. Alex está em pé, sozinho, sob a luz do holofote de karaokê, e olha por cima das cadeiras vazias como se não estivesse fitando o segundo andar de uma biblioteca pública dilapidada em uma cidadezinha no meio de Idaho, mas as colinas verdejantes que circundam o antigo reino de Tiro.

— Eu — diz ele com a voz alta e gentil — sou Éton, um simples pastor da Arcádia, e a história que tenho para contar é tão louca, tão incrível, que vocês jamais acreditarão em uma palavra sequer. No entanto, é verdadeira. Pois eu, que era por eles chamado de miolo de pássaro ou apalermado, sim, eu, o tolo, o abobalhado, o lesado Éton, uma vez viajei até os confins da Terra e além, até os resplandecentes portões da Cuconuvolândia, onde ninguém carece de nada e um livro que contém toda a sabedoria...

Do andar de baixo, chega o estouro do que soa, para Zeno, bastante semelhante ao som de um tiro. Rachel derruba a lápide; Olivia se encolhe; Christopher se abaixa.

A música continua a tocar, as nuvens giram penduradas nos fios, a mão de Natalie fica suspensa em cima do laptop, o estrondo de um segundo tiro reverbera através do pavimento, e o medo, como um longo dedo escuro, atravessa a sala e toca Zeno em sua cadeira.

No foco de luz, Alex morde o lábio inferior e olha para Zeno. Um batimento cardíaco. Dois. Sua avó na plateia pode espirrar. O bebê de alguém pode chorar. Um de vocês pode esquecer uma fala. Aconteça o que acontecer, nós continuaremos a contar a história.

— Mas, primeiro — Alex segue, voltando o olhar para o espaço acima das cadeiras vazias —, eu devo começar do início.

E Natalie muda a música, Christopher muda a luz de branco para verde e Rachel entra no palco carregando três ovelhas de papelão.

Neste romance arrebatador, Anthony Doerr entrelaça a vida de cinco protagonistas usando um livro como elo. Anna, uma órfã de treze anos, mora atrás dos formidáveis muros de Constantinopla no século XV, em uma casa de mulheres que ganham a vida bordando trajes eclesiásticos. Inquieta e curiosa, ela aprende a ler e encontra nesta antiga cidade, famosa por suas bibliotecas, um livro — a história de Éton, que deseja ser transformado em pássaro e voar até um paraíso utópico no céu.

Enquanto as muralhas daquele que foi seu lar por toda a vida são bombardeadas no grande cerco de Constantinopla, Anna lê a história para a irmã adoentada. É nesse contexto que seu caminho vai se cruzar com o de Omeir, um garoto de fora das muralhas, recentemente recrutado com seus bois para se juntar ao exército invasor.

Cinco séculos mais tarde, em uma biblioteca escolar de uma pequena cidade do estado de Idaho, nos Estados Unidos, o octogenário Zenó, que aprendeu grego enquanto era prisioneiro de guerra, dirige cinco crianças em uma adaptação teatral da história de Éton. Entre as prateleiras da biblioteca, Seymour, um adolescente problemático e idealista, planta uma bomba, ativando assim um novo cerco. E em um futuro não muito distante, na nave interestelar Argos, Konstance, que nunca pisou em nosso planeta, está sozinha em uma câmara, escrevendo em restos de pano uma história contada por seu pai: a de Éton.

Em *Cidade nas nuvens*, crianças à beira da vida adulta em mundos em perigo encontram resiliência, esperança — e um livro. A imaginação deslumbrante de Doerr nos transporta para mundos tão dramáticos e imersivos, que, por um momento, nos esquecemos da realidade. Dedicado “aos bibliotecários, ontem, hoje e nos anos por vir”, esta é uma história que fala de sobrevivência — do livro, da Terra e do coração humano. É um triunfo da imaginação e da compaixão.

SAIBA MAIS

www.intrinseca.com.br/livro/1140